
Madonna e o Tabu do Envelhecimento na Cultura Ocidental Contemporânea¹

André Luis Vieira Gomes²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O processo de libertação feminina frente ao sistema machista e opressor produziu o que passamos a reconhecer como a “mulher poderosa”: independente e menos afeita a submissões frente ao patriarcado. Este estudo busca entender – tendo a cantora Madonna como eixo central – quais mecanismos engendrados nas estruturas sociais patriarcais estariam a serviço de tentar esvaziar o poder da mulher tida como livre e emancipada. Busca-se identificar se, para além da luta principal pela igualdade de gênero, haveria uma luta ainda maior: a da aceitação do envelhecimento da mulher.

Palavras-chave: gênero; mulher; envelhecimento; corpo; juventude

Introdução

Junho de 2019: a cantora Madonna, em entrevista cedida ao programa Fantástico, da Rede Globo, revela seu incômodo por, durante as reportagens de lançamento de seu mais recente álbum, ‘Madame X’, ser insistentemente questionada sobre seus sentimentos pelo fato de ter completado 60 anos. Na concepção da *performer* – citada pela reportagem como a artista que “trouxe o erotismo para o pop e cantou sem pudores as alegrias do sexo” –, o incômodo com a idade não seria levantado caso ela fosse um homem. Na mesma entrevista, a cantora desabafa sobre o fato de haver, para as mulheres, um comportamento esperado, e acredita que se elas ainda tiverem apetite sexual, se ainda se divertirem e ainda se sentirem vivas, serão desprezadas, discriminadas e perseguidas.

Mãe de seis filhos – quatro deles adotados –, Madonna desenhou uma carreira fortemente atrelada à livre exposição de seu corpo e sexualidade, bem como ao apelo erótico sem concessões em videoclipes milionários que, historicamente, desafiaram instituições sociais consolidadas como a família e a Igreja. Na construção de uma carreira poderosa e ao personificar, ela própria, a imagem de uma das mulheres mais desejadas e poderosas da indústria do *show business* de todos os tempos, a cantora

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Política do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Mídias Criativas (PPGMC) da UFRJ, e-mail: andreluisgomes@gmail.com

enfrentou preconceitos distintos: o primeiro deles por ser mulher e por falar abertamente sobre sexo. Ao debruçar-se no caráter transgressor de performances ao vivo da artista, Astuto (2016) observa que, em 1990, durante as viagens com o show *Blonde Ambition Tour*, em releitura do sucesso *Like a Virgin*, a cantora simulou sexo com dois dançarinos e terminou o número com uma cena de masturbação que culminava no cenário de uma igreja. Diante de boicotes do Vaticano, dois shows que faria à época em Roma tiveram que ser cancelados. Não por acaso: historicamente há um modelo de dominação masculina, que relegou às mulheres um papel secundário e marginal na sociedade. As formas tradicionais de relações de gênero puseram-nas no papel de frágeis e submissas, com homens no de sexo forte e viril. Um domínio masculino até então vinha se sobrepondo na ordem do discurso e na determinação das formas de estar e ser mulher. A partir de conceitos como *habitus* e violência simbólica, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012) busca compreender como esta estrutura de dominação se estabelece, se “naturaliza” e se eterniza. É, de acordo com o escritor, parte de um processo histórico, sujeito a mudanças, sim, mas que esbarram em instituições como Família, Escola, Igreja e Estado, lugares de elaboração e imposição de princípios. Uma dominação que está tão enraizada em nossos modos de pensar, de se comportar, sentir, falar, que na maior parte das vezes é feita sem contestação. Pior: é legitimada por quem a sofre, num processo de domesticação e disciplinação da vida.

Ao longo de suas quase quatro décadas de carreira – seu primeiro álbum, ‘Madonna’, foi lançado em 27 de julho de 1983 –, a *popstar* esteve invariavelmente cercada – e se alimentando – de polêmicas e a enfrentar tentativas de cerceamento. Na coluna Notícias da TV, do portal de Internet UOL, o mais recente enfrentamento da cantora frente à opinião pública ganhou destaque: se antes o escândalo era por ser mulher, falar de sexo e do direito ao prazer, pelas mulheres, agora o problema alcança outra variável: a questão da idade. Na reportagem, Castro (2019) cita o fato de Madonna ter sido duramente criticada por *haters* na Internet após o lançamento do videoclipe da canção *Medellín*, no qual surge em cenas sensuais com o cantor colombiano Maluma, 35 anos mais jovem que ela. Depois de uma apresentação ao vivo com o cantor, novos ataques dos *haters* apareceram de formas variadas, com direito a *emojis* com vovós de tricô e outros insultos. Para falar dos ataques sofridos por Madonna e outras mulheres famosas pelo simples fato de terem envelhecido, o jornalista recorre a uma declaração concedida pela cantora à revista Vogue britânica. Nela, Madonna fala das inúmeras

tentativas de silenciamento às quais tem sido submetida ao longo da carreira, seja por não ser bonita o suficiente; por não cantar bem; por não ser talentosa; por não ser casada o suficiente; e agora por não ser jovem o suficiente, nas palavras da cantora. Nesta fala da artista, é importante notar um ponto significativo: admitir que não é mais jovem é diferente de admitir ter envelhecido. Ainda na mesma reportagem, a *popstar* desabafa ao constatar que, após décadas de patrulha e perseguição, sua luta agora é contra o preconceito da idade e diz estar sendo punida por ter completado 60 anos. Ela, inclusive, veio a público manifestar seu repúdio contra outra reportagem, publicada pelo jornal New York Times com o seguinte título: “Madonna aos Sessenta. A original rainha do pop sobre envelhecimento, inspiração e porque ela se recusa a ceder ao controle”. A *performer* acusou a publicação de machista e patriarcal no Instagram e sua declaração na rede social foi repercutida mundo afora e publicada na íntegra no *site Madonnaonline*, administrado por Rafael Augusto Arena:

“[...] Dizer que eu fiquei desapontada com o texto publicado no NYT seria um eufemismo, subestimar o que sinto. Parece que você não pode consertar a sociedade e a sua infinita necessidade de diminuir, depreciar ou degradar o que eles sabem ser bom. Especialmente as mulheres independentes. A jornalista que escreveu este artigo passou dias, horas e meses comigo e foi convidada para um mundo que muitas pessoas não tem acesso, mas optou por se concentrar em assuntos triviais e superficiais, como a etnia dos meus filhos ou o tecido das minhas cortinas e intermináveis comentários sobre minha idade que nunca teria sido mencionada se eu fosse um HOMEM! As mulheres têm muita dificuldade de serem as defensoras de outras mulheres, mesmo que estejam se passando por feministas intelectuais [...]. (ARENA, 2019)

O percurso de Madonna enquanto mulher emancipada e independente ainda atrelada a sujeições que escapam da produção de subjetividade do que passamos a entender como uma “mulher poderosa” faz refletir que, por mais poderosa e empoderada que seja, enquanto mulher e como mulher e artista, possa haver uma possível sensação de perda de poder a partir do processo de envelhecimento. Cabe, aqui, tentar entender se, para além da questão do gênero, no que se refere à luta das mulheres por emancipação e libertação, há outra variável que surge inclemente: a questão da idade. Com uma carreira fortemente atrelada à exploração do corpo e da sensualidade – uma espécie de fórmula orquestrada por ela e seguida décadas a fio por cantoras mais jovens que passaram a beber de sua fonte –, Madonna se vê, aos 60, confrontada com patrulhas externas em relação ao que é considerado apropriado fazer, dizer e que tipo de

roupa usar em sua idade. É, ela própria, dona e divulgadora de uma linha de cosméticos milionária cuja maior promessa é a possibilidade do esticamento da juventude. É, a exemplo de outras mulheres poderosas e não necessariamente célebres, preocupada com a aparência e disposta a lançar mão de toda uma gama de novos arsenais existentes para manter o que, no senso comum, passou a ser entendido como uma boa aparência. Depois de todas as lutas pelas quais passou para se afirmar como mulher independente – que ela própria fez questão de listar ao confrontar a reportagem do New York Times –, a cantora, talvez o maior ícone vivo da indústria pop, se vê diante de um labirinto: quer questionar o rígido padrão social desejável, imposto para as mulheres maduras, mas parece, por outro lado, querer fugir desta alcunha. Madonna parece não querer envelhecer. Sua batalha, agora, deixa de ser apenas com as instituições sociais – há um algoz maior, ele, o tempo. O possível medo da estrela pop em admitir seu envelhecimento, contudo, não é gratuito: haveria, aí, uma esperada virada de chave que muitas mulheres poderosas passaram a se recusar a fazer.

Envelhecer não é fácil para elas

Se mulheres, historicamente, se deslocaram de um lugar de submissão e subserviência na estrutura familiar patriarcal para um lugar de tomada de poder a partir de sua entrada no mercado de trabalho, que mecanismos engendrados nas estruturas sociais patriarcais estariam a serviço de tentar esvaziar ou diminuir este poder? Uma mulher poderosa perde o poder ao envelhecer? No caso de Madonna, admitir o processo de envelhecimento seria um possível caminho para alcançar um lugar próximo da libertação? Quando uma famosa se diz perseguida por tais patrulhas, o que esperar do cotidiano da mulher anônima que envelhece?

No caso das mulheres brasileiras maduras, há de se destacar que a opinião que elas têm sobre elas mesmas dialoga com aspectos dissecados pela *popstar* norte-americana. Pesquisa coordenada pela antropóloga brasileira Mirian Goldenberg (2015) com mulheres brasileiras e alemãs de mais de 50 anos, realizada a partir de 2007, apontou que nos grupos de discussão em que esteve com as brasileiras, de camadas sociais médias e altas, houve quatro ideias presentes no discurso delas: invisibilidade, falta, aposentadoria e liberdade. Enquanto na fala das alemãs o que vem à tona, na concepção da pesquisadora, é uma ideia de emancipação, no caso das brasileiras, o que

se destaca é o que a escritora chama de miséria subjetiva: para a brasileira, de acordo com Mirian, estar acompanhada de um homem é sinal de *status*, as preocupações com o processo de envelhecimento são muitas e o olhar dos homens para elas – o desejo deles por elas ou a falta dele – é, ainda, de suma importância. Mais: a pesquisadora, uma das mais importantes referências no campo de estudos de gênero no Brasil, defende a ideia de que, na cultura brasileira contemporânea, o corpo é um capital. Através de pesquisas qualitativas e quantitativas que vem realizando há mais de vinte anos para compreender o discurso de homens e mulheres nas camadas médias urbanas no Rio de Janeiro, a estudiosa desenvolve a ideia de que, no Brasil, e de forma mais veemente ainda na capital carioca, o corpo é um capital simbólico, econômico e social. É um corpo conquistado através de muito empenho e sacrifício. Este corpo-capital, para Goldenberg, é um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma. Para ilustrar a ideia de invisibilidade – uma das quatro presentes no discurso das brasileiras por ela ouvidas – a autora recorre ao depoimento de uma professora universitária, de 55 anos:

Eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50 anos, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. É muito difícil aceitar que os homens me tratam como uma velha, e não como uma mulher. Na verdade, não acho nem que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível (GOLDENBERG, 2015, p.33)

Bourdieu (2012), ao refletir sobre o que chama de dominação masculina no livro homônimo, atenta para o fato de que ela constitui mulheres como objetos simbólicos, sob incessante estado de insegurança corporal. Na concepção do teórico francês, elas existem pelo e para o olhar dos outros, numa espécie de dependência simbólica, como objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Reportagem publicada pelo *site* da revista Carta Capital (2018) sob o título “Por que as brasileiras são obcecadas por cirurgias plásticas?” revela que o Brasil é o segundo país onde mais se realizam cirurgias plásticas. O texto, que se debruça nos motivos pelas quais mulheres se submetem à chamada ‘Ditadura da beleza’, dá conta de que 86,2% das cirurgias plásticas no mundo são realizadas por mulheres, de acordo com a Isaps (Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética). O Brasil, de acordo com a pesquisa, só

perde para os Estados Unidos, que têm a cantora Madonna como uma das entusiastas de intervenções cirúrgicas em busca de uma aparência mais jovem. Interessante constatar que, em 2019, setenta anos após a publicação de *O Segundo Sexo*, obra seminal sobre a condição feminina de Simone de Beauvoir (1967), a ideia de perda de poder pelas mulheres a partir do envelhecimento já estava ali, bastante demarcada. A filósofa francesa acreditava que, para as mulheres, a velhice pode ser ainda mais cruel do que para os homens, já que a sina das mulheres é ser um objeto erótico aos olhos do homem. No entendimento dela, ao ficar velha, a mulher perderia o lugar que lhe é destinado na sociedade, suscitaria repulsa e até mesmo medo. Para a escritora, mulheres que apostaram tudo na feminilidade recusam, histericamente, a idade que têm. Para elas, o envelhecimento é uma desqualificação radical. Madonna repudia que o jornal New York Times dê destaque ao fato de ter completado 60 anos. Sua inquietação, embora legítima, pode mascarar um medo veemente: o de ser vista como velha, num mundo ocidental que se acostumou a valorizar a juventude.

A mulher poderosa

Ao longo dos últimos anos, o estereótipo de uma nova mulher, poderosa e bem-sucedida é uma evidência nos discursos midiáticos contemporâneos, seja em capas de revistas, plataformas digitais, em especial na ficção audiovisual. Certamente, esse processo ressalta o imaginário cultural do que seria hoje o papel social feminino desejável. Na premissa foucaultiana, a mídia é um espaço central para a produção de discursos que produzem “verdades” a respeito dos sujeitos, que são controlados e perpassados por formas de poder e de repressão (FOUCALT, 2011). As mulheres conectadas a este “novo padrão” são levadas a seguir, ou repudiar, modelos de conduta. Tais modelos de conduta observados no cenário midiático contemporâneo provocam inquietações a respeito de uma “Mulher Alfa” que hoje é rotulada como empoderada, feliz e independente e que diverge dos estereótipos tradicionais. Isto é, uma possível produção de subjetividade que, no caso da construção do ideário da mulher poderosa, funciona como um cabo de guerra: se por um lado desconstrói o modelo tradicional de feminilidade – dócil, passivo e subserviente –, por outro ainda dá continuidade a ele. Muniz Sodré (2002) atenta para como a sociedade contemporânea é regida pela midiaticização. Pela lógica da sociedade globalizada, segundo ele, a midiaticização passou

a gerir sentimentos e emoções. Na concepção do escritor, a midiaticização dá conta de uma nova instância de orientação da realidade, com as relações sociais capazes de serem permeadas por meio da mídia (SODRÉ, 2014). Na validação da midiaticização enquanto ambiência que rearticula os sentidos, surge o que ele chama de “*bios midiático*”, para ele, uma forma de vida paralela, que se consolida na construção do comum a ser propagado. Para o autor, o *bios midiático* não é o meio de comunicação propriamente, mas uma forma de vida que extrapola o meio e ganha vida própria no espaço social, a mídia que remodela valores com velocidade impressionante.

Para Douglas Kellner (2001), os produtos da indústria cultural moldam um imaginário do que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou desprovido de forças. E contribuem com material com que muitas pessoas constroem seus sentidos de classe, etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade. Na hipótese do escritor, a cultura da mídia ajuda a modelar nossa visão prevaiente de mundo e os valores mais profundos, definindo o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. Mesmo que caibam aos indivíduos decidir fazer uso ou não destes modelos, sua influência é inegável. Ao fazer a relação entre mídia, gênero e identidade, David Gauntlett (2001) observa que seria impossível descartar o fato de que a quantidade de imagens de homens e mulheres, assim como de mensagens sobre a sexualidade, não cause impacto no senso de identidade dos indivíduos. Nos Estados Unidos ou no Brasil, há uma cultura de consumo em destaque, que legitima comportamentos e valores. Indivíduos passam a se perceber como cidadãos do mundo, mesmo que não se desloquem. São pessoas que compartilham um mesmo cotidiano (ORTIZ, 1994). Sob esse ponto de vista de uma nova orientação de realidade e dos discursos reproduzidos pelas mulheres poderosas, de uma mulher ‘livre’, as questões-chaves que envolvem este estudo são: se a mulher poderosa perde o poder quando envelhece, de que forma este poder pode ser retomado? Seria a cantora Madonna de fato um exemplo de mulher emancipada?

Corpo em forma e ideal de juventude

No que se refere aos estudos coordenados pela antropóloga Mirian Goldenberg, é sintomático notar que enquanto a palavra liberdade surge no discurso das brasileiras, no comparativo com as alemãs a que aparece é a palavra emancipada. A pesquisadora

percebeu semelhanças e diferenças bastante interessantes no discurso das cariocas pesquisadas comparado com o discurso das mulheres ouvidas na Alemanha. A insistência na decadência do corpo e na falta de homens foram questões presentes nas falas das brasileiras, bem como as ideias de falta, de invisibilidade e de aposentadoria. As alemãs, para as quais o corpo em forma e o ideal de eterna juventude não são uma cobrança ou algo a ser perseguido, apontam seus pensamentos para valores como a realização profissional, a saúde e a qualidade de vida. E algumas revelaram ainda estranhamento pelo fato de as brasileiras gostarem de receber elogios e cantadas na rua, relatando acharem uma falta de dignidade uma mulher querer parecer mais jovem ou se preocupar em ser *sexy*. Para elas, uma postura infantil e imatura, que destoia da maturidade esperada para uma mulher nesta faixa etária. Uma das alemãs foi enfática: “Você mesma deve se sentir atraente. Você não precisa de ninguém para dizer se é *sexy* ou não. É muito infantil essa postura. Eu sei avaliar se sou atraente ou não. É só me olhar no espelho. É uma falta de dignidade ser tão dependente dos homens.” (GOLDENBERG, 2015, p. 39). Ao comparar as falas das alemãs às das brasileiras, a pesquisadora constatou que as primeiras parecem bem mais tranquilas com o envelhecimento do que as segundas. E notou na Alemanha mulheres poderosas tanto no âmbito objetivo (nas relações conjugais e em suas profissões) quanto no subjetivo. Para a pesquisadora, chama a atenção uma ideia de miséria subjetiva presente no discurso das brasileiras, quando falam em questões como medo, solidão, abandono e invisibilidade, além de temas como flacidez, gordura e decadência do corpo. E desta maneira, ainda de acordo com ela, o poder objetivo das brasileiras, presente em domínios como dinheiro, sucesso, reconhecimento e boa forma física, contrasta com as crenças que elas têm delas mesmas, formando um abismo, que gera uma sensação de desvalorização.

Quando as pontas dos discursos objetivos e subjetivos das brasileiras se unem, o que salta aos olhos, na constatação da pesquisadora, é que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, mesmo que as brasileiras pareçam muito mais jovens e em forma do que as alemãs. Em nosso país elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, em vez das vitórias alcançadas. Diante deste cenário paradoxal, fica a sensação de que as mulheres poderosas brasileiras, apesar de terem conquistado poder, seguem aprisionadas a ideias, crenças e padrões que acabam por abafar, diminuir, escassear, minguar o poder real. Um poder que ainda depende do olhar do outro. Que depende da aprovação do corpo por elas mesmas, e pelos homens. O possível medo de

Madonna de admitir seu envelhecimento, sua reivindicação em não querer falar de idade e seu eterno esforço para se manter jovem, por mais legítimos que sejam, dialogam com a sensação de aprisionamento presente no discurso das brasileiras. Há, de um lado e de outro, uma ideia, bem fundamentada, de “esticamento da juventude” como forma de manutenção de poder, a partir de procedimentos estéticos variados, para corpo e rosto. São, sem dúvida, atividades e atributos que promovem a sensação de poder, mas também trazem uma ideia de manutenção atrelada a uma ideia de performance: é preciso estar bem, é preciso estar magra, é preciso parecer jovem. Obrigações florescidas a partir da ascensão do neoliberalismo, doutrina que defende a liberdade de mercado. Foucault (2008) afirma que a novidade trazida pelo sistema neoliberal em relação a modelos anteriores é sua capacidade de ser mais do que simplesmente uma opção econômica e política: surge com ele também uma nova maneira de pensar e de estar no mundo. No caso das brasileiras poderosas pesquisadas e na tentativa de Madonna de se libertar da censura pelo fato de ter chegado aos 60 anos, há uma conexão a um ideal de performance, de aperfeiçoamento. Não, elas não querem envelhecer. Mas qual o ônus escondido por trás desta ideia?

É importante, neste contexto de ascensão neoliberal, destacar o individualismo como o modelo social vigente e a figura do *homo economicus*, um empresário de si mesmo. O consumo passa a ser visto como uma atividade produtora: ao consumir, o indivíduo produz sua própria satisfação. O modelo econômico de oferta e procura passa a constituir um exemplo para as relações do indivíduo consigo mesmo, e também com seu círculo, com o tempo, com o futuro, com a família, com o grupo. Também o pensamento mercadológico passa a regular as ações do Estado: não mais o bem-estar social, mas a relação entre investimento, custo e lucro que passa a orientar as políticas governamentais (FOUCAULT, 2008). Neste cenário de elevação do neoliberalismo, a busca incessante pelo máximo desempenho é classificada pelo sociólogo francês Alain Ehrenberg (2010) como *o culto da performance*, o surgimento de um *ethos* que passa a indicar esta direção a homens e mulheres. Aos poucos, o sucesso passa a ser concebido como um projeto de estruturas individuais e cada um é chamado a ser um empreendedor de si, fazendo do máximo desempenho a medida de uma vida bem-sucedida. Nota-se que essa promoção da ação de empreender não acontece apenas na vida profissional: passa a invadir a vida privada, com esta lógica empresarial passando a permear as relações sociais. Este sucesso, para Ehrenberg (2010), seria a capacidade de fazer-se a si

mesmo, e também de fabricar para si uma genealogia ao inverso: a construção narrativa de um passado que se produziu sozinho, que não tenha sido legado pela transmissão de uma herança, tradição ou filiação.

Rugas, celulites e quilos a mais

Goldenberg (2017) conta uma ideia que teve e que concretizou em coluna de jornal publicada em 2012. A pesquisadora escreveu o que batizou de “Manifesto das Coroas Poderosas”. Seu intuito foi destacar o que as mulheres ganham, e não o que perdem, com o passar dos anos. Uma de suas inspirações foi a atriz Leila Diniz, exemplo de mulher libertária, morta prematuramente aos 27 anos. Na concepção da estudiosa, estivesse viva, Leila seria hoje um ótimo exemplo de Coroa Poderosa. A ideia que a escritora defende na coluna é que:

A Coroa Poderosa não se preocupa com rugas, celulites e quilos a mais. Ela está se divertindo com tudo que conquistou com a maturidade: liberdade, segurança, charme, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais [...] (p. 23).

O que a pesquisadora defende é uma ideia de que a Coroa Poderosa descobre que ser feliz é mais do que ter um corpo perfeito, ter uma família ou trabalho ideais: está na possibilidade de “ser ela mesma”. Esta ideia de libertação da mulher está presente nos estudos coordenados pela antropóloga a partir de 2007 na cidade do Rio de Janeiro com mulheres de classes média e alta de 50 a 60 anos. Elas se queixam de terem se tornado invisíveis para os homens ao passarem dos 40 anos. Ao constatar a reação de leitoras e leitores a outro texto seu publicado em jornal e com grupos de discussão com homens e mulheres de mais de 60 anos, a antropóloga percebeu homens mais velhos dispostos a priorizar família e trabalho; alguns choraram ao falar da família como fonte de apoio, cuidado, amor. Já as mulheres falaram de prisão, obrigação, dever, cuidado com os outros, tudo isso ao mencionarem o tempo em que eram mais jovens. Reclamaram de falta de atenção por parte do marido e dos filhos durante todo o tempo em que estiveram quase que exclusivamente se dedicando a eles. Falaram do marido e dos filhos como obrigações, agentes cerceadores de sua liberdade. Há nas falas das entrevistadas, componentes como desilusão e cansaço. No auge do conservadorismo

americano, que ganhou mais força a partir dos anos 1960, a psicóloga e jornalista americana Betty Friedan (1971) se posicionou contra algo que também está presente no desabafo das brasileiras entrevistadas por Goldenberg: a glorificação do cuidado com a casa e com a família como o caminho exclusivo para a felicidade das mulheres. Ela entrevistou donas de casa nos anos 1960 e 1970 que se mostraram infelizes, mas não sabiam sequer explicar o motivo. Para a psicóloga, a infelicidade das mulheres era ocultada pelas revistas femininas, que viviam um *boom* à época e estavam alinhadas ao pensamento da família tradicional, com a mulher em casa, cuidando dos filhos. Representações midiáticas estas sinalizadas por Friedan como *a mística feminina*. Esta insistência em aprisionar as mulheres ao papel de mãe e esposa e de pregar a ideia do sexo frágil e subserviente fora questionada por Simone de Beauvoir (1967), com a ideia de que ninguém nasce mulher e sim torna-se mulher. A intelectual francesa acreditava que a única saída para as mulheres seria recusar os limites que lhes são impostos e buscar para si e outras mulheres caminhos para se libertarem. Na fala de Madonna, essa liberdade seria poder exercer o pleno direito de fazer o que bem entender, não importa que ainda existam convenções e comportamentos esperados para cada idade. Em 2013, uma atriz brasileira experimentou o mesmo desconforto de que Madonna tem sido vítima: Betty Faria foi à praia de biquíni, aos 72 anos, e isso virou notícia. O programa Domingo Espetacular, da RecordTV, tratou de repercutir o assunto. A reportagem situa Betty como símbolo sexual dos anos 1970 e 1980, lista os ataques de internautas à sua ida à praia de biquíni – ofensas como velha baranga, sem dignidade e sem espelho – e traz o depoimento da atriz sobre o ocorrido: “Querem que eu vá à praia de burca, que eu me esconda, que me envergonhe de ter envelhecido?”, questionou a artista na ocasião.

Considerações finais

Goldenberg (2015) chegou à conclusão, em suas pesquisas quantitativas, com as mulheres de classe média e alta de 50 a 60 anos, que “o corpo” é um valor. A pesquisadora foi beber da fonte de Pierre Bourdieu (2007) para entender o corpo como um verdadeiro capital. Ela observa que, para o sociólogo francês, os capitais são os poderes que possibilitam as chances de ganho num campo específico. Na ampliação da concepção marxista, Bourdieu entende esse termo não apenas como o acúmulo de bens e riquezas econômicas. Além do capital econômico (renda, salário, imóveis) e do capital

cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), do capital social (relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação), o autor avança em seus conceitos e define ainda outros capitais, como o político, o simbólico e o físico. A autora recorre ao sociólogo para constatar que, no Brasil, há um determinado modelo de corpo, que Bourdieu chamaria de corpo distintivo: jovem, sexy, magro, em boa forma. Este corpo daria um status de superioridade àquele que o possui, corpo este conquistado com empenho, sacrifício e investimento financeiro. O autor francês, ao entender atitudes corporais como naturalmente “cultivadas” – com o corpo recebendo valores muito diferentes de acordo com o mercado em que está colocado – nota que assim como podem ser legitimados socialmente desígnios como porte, charme e elegância, na forma de apresentação do corpo, também pode ser entendido como indício de desleixo o ato de permitir ao corpo sua real aparência. O mesmo raciocínio pode ser levado para o corpo gordo, envelhecido ou fora de forma. Mesmo que, a cada ano, perceba-se lentamente uma chegada à mídia hegemônica do compartilhamento de uma ideia de pensamento inclusivo de autoaceitação – do próprio corpo, do cabelo crespo, do cabelo Black, do cabelo branco para as mulheres, da própria sexualidade – cabe aqui uma indagação se o mesmo tratamento vem sendo dado às mulheres que envelhecem e passam a ser atacadas por isso. A cantora Madonna parece, com o avançar da idade, experimentar, em parte, um desgosto a partir do olhar do outro – justo ela, que mais do que um anônimo, necessita deste olhar por ser uma figura pública e que ganha dinheiro com isso. Para Freud (2018), o sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo; do mundo externo; e das relações com outros seres humanos. O corpo, na concepção do médico fundador da Psicanálise, por estar condenado ao declínio e à decomposição; o mundo externo, por poder se lançar contra nós com forças poderosas e destruidoras; as relações com outros seres humanos, por resultarem num sofrimento, na concepção do neurologista, mais doloroso que qualquer outro. Na visão dele – que não distingue civilização de cultura –, a cultura produziu um mal-estar nos seres humanos, por existir um antagonismo entre as exigências da pulsão e as da civilização. O estudioso acredita que para o bem da sociedade o indivíduo é sacrificado, pagando o preço da renúncia da satisfação pulsional. Com isso, a vida sexual do homem e sua agressividade sairiam gravemente prejudicadas. A civilização – definida por Freud como tudo aquilo que difere o homem da vida animal, e que o afasta da natureza –

trava, na concepção do médico, uma luta sem trégua contra o homem isolado e sua liberdade e substitui o poder do indivíduo pelo poder da comunidade.

Num momento de perda de poder, de perda de um capital, a partir do processo de envelhecimento das mulheres poderosas numa sociedade machista e patriarcal, que outro capital poderia ser acionado por elas? Em agosto de 2014, ao completar 70 anos, a atriz brasileira Irene Ravache, confrontada no programa Saia Justa, do canal a cabo GNT, sobre que termos utilizados para definir as pessoas mais maduras ela preferia – melhor idade, terceira idade – disse que poderia ser chamada de velha. Serena, admitindo seu envelhecimento, falou de bem-estar, de estar ativa, atuante, de felicidade, disse que sim, tinha envelhecido, sem problematizar a questão. Estava plena, bonita, livre, consciente, segura, dona de si. Embasado neste contexto em que os capitais tornaram-se referências nas relações de poder, aliado aos dados coletados neste estudo e a uma ideia recorrente de libertação por parte das mulheres mais velhas, denomina-se aqui neste artigo uma espécie de capital não ligado à juventude, ao corpo, à aparência, um ganho maior, um “capital sensorial”: um novo olhar, outra perspectiva a partir do processo de amadurecimento, menos atrelada à ideia de pertencimento e a um eterno ter que. Sobre sentir, e estar bem consigo mesmo, independentemente do julgamento alheio e, mais, sobre – e por que não? – aceitação, desapego e fluidez.

Referências

ARENA, Rafael Augusto. **Madonnaonline. Madonna fica putonna com matéria do New York Times e publica textão.** São Paulo, 06/06/2019. Disponível em: <https://madonnaonline.com.br/2019/06/06/madonna-fica-putonna-com-materia-do-new-york-times-e-publica-textao/>. Acessado em: 13/06/2019.

ASTUTO, Bruno. **Epocaglobo.com. Relembra as polêmicas em torno das dez turnês de Madonna.** São Paulo, 25/03/2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/03/relembra-polemicas-em-torno-das-10-turnes-de-madonna.html>. Acessado em: 01/07/2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARTA CAPITAL. **Por que as brasileiras são obceçadas por cirurgias plásticas?** São Paulo: 25/07/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/por-que-as-brasileiras-sao-obceçadas-por-cirurgias-plasticas/>. Acessado em: 04/07/2019.

CASTRO, Daniel. **De Xuxa a Madonna, famosas sofrem ataques de ódio por envelhecerem**. São Paulo, 22/05/2019. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/de-xuxa-madonna-artistas-sofrem-ataques-de-odio-por-envelhecerem-26946>. Acessado em: 01/07/2019.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

FOUCAULT, Michael. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2011.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. São Paulo: Vozes, 1971.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.

_____. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 1 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum – Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 109.

_____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.21 – p.109